
ESTUDO TEÓRICO

O processo adolescente e as funções parentais na realidade contemporânea

The adolescence process and parental functions in contemporary reality

**Roberta Araujo Monteiro^{a*}, Thomás Gomes Gonçalves^b,
Lísia da Luz Refosco^c, Mônica Medeiros Kother Macedo^d**

Resumo: A partir de contribuições psicanalíticas é proposta uma reflexão sobre as exigências do cenário contemporâneo e do exercício das funções parentais no processo de construção da identidade na adolescência. A adolescência é abordada como uma etapa de vida na qual ocorre uma série de acontecimentos, como ressignificações identitárias, emergência de intensas exigências pulsionais, enfrentamento com a complexidade do processo de acesso ao mundo adulto bem como a reedição de conflitos edípicos. O artigo aborda a influência e a ressonância de características do contexto social e da cultura atual nas configurações familiares e nas relações estabelecidas entre os pais e o adolescente. Por meio da descrição do enfraquecimento das funções parentais na família contemporânea, enfatiza-se o enlace entre as exigências atuais, o papel dos pais como figuras de autoridade e agentes de cuidado e a dinâmica dos padecimentos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescentes; Psicanálise; Funções parentais; Contemporaneidade

Abstract: We propose some reflection concerning the demands of the contemporary scenario and the role of the parents in the process of construction of identity in adolescence from a psychoanalytic perspective. In adolescence happens different events as identity reassignment, emergency of intense instincts exigency, facing some struggle concerning the complexity of demands from the adulthood world and the reissue of the oedipal conflicts. The article addresses the influence and the resonance of the features from the social context and the current culture in family and the relationship established between parents and the adolescent. Through the evidence of the weakening of the parent role in the contemporary family, it is addressed the link between the current demands and parents as authority roles and care takers, as well as the adolescent sufferings.

Keywords: Adolescents; Psychoanalysis; Parental role; Contemporary

a Psicóloga; Psicanalista; Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS;
*E-mail: roberta.monteiro@gmail.com

b Graduando em Psicologia pela FAPSI/PUCRS; Bolsista de Iniciação Científica BPA/PUCRS no Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise do Programa de Pós-graduação da FAPSI/PUCRS.

c Psicóloga; Mestranda em Psicologia Clínica no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS (Bolsista CAPES).

d Psicóloga; Psicanalista; Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Professora Adjunta da Graduação e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia (FAPSI) da PUCRS.

Os psicanalistas vêm se confrontando com situações que os convocam a reflexões que dêem conta do entendimento da dinâmica de tempos marcados pelo instantâneo, pela fluidez dos vínculos e pela inalcançável busca de completude. Sobre essa situação, Viñar (2010) refere que a expansão do urbano, a velocidade dos transportes, a instantaneidade da informação, além da multiplicação, fugacidade e superficialidade dos vínculos humanos constituem um mundo cambalache. Segundo o autor, este lugar é caracterizado pela mutação civilizatória do século XXI, assim como pelas mudanças materiais, tecnológicas e pelos referenciais sociais, responsáveis pela organização da mente. Nessa direção, ressalta-se também, a reflexão a respeito das marcas da cultura na constituição subjetiva do sujeito, sendo este um importante tema de discussão nas mais diversas áreas que tem a condição humana como foco de interesse e de estudo. Em especial, os fatores implicados no processo de constituição do sujeito se constituem desde sempre um eixo de interesse da Psicanálise, considerando o valor que essa atribui à singularidade dos processos intrapsíquicos e pela constante dedicação a buscar uma compreensão consistente e profícua a respeito dos efeitos oriundos das transformações sociais, políticas e culturais nos campos intra e intersubjetivo. Como explicita Birman (2006), a subjetividade é uma construção eminentemente histórica e perpassada por valores éticos, estéticos e políticos.

A complexidade do processo de constituição do psiquismo implica na consideração de que esse se dá a partir da qualidade do encontro com o outro. Para Bleichmar (2005) a necessidade do ser humano de se humanizar na cultura faz com que a presença do semelhante seja inerente a sua própria constituição. Trata-se de um encontro inaugural sob vários aspectos, sendo que as marcas decorrentes desse trazem desdobramentos e efeitos distintos nas etapas da vida, entre as quais está inscrita a adolescência.

Na adolescência, segundo Rother Hornstein (2006), as experiências têm como centro as problemáticas relativas ao próprio Eu, incluindo o desafio de assumir um papel mais ativo em relação a sua vida. Nesse momento, o adolescente se depara com novas conquistas e com possibilidades de investimento num tempo futuro. Por outro lado, ele se enfrenta com a necessidade de dar conta de intensas demandas psíquicas, biológicas e sociais que acarretarão transformações tanto em seu mundo intrapsíquico, quanto em seus processos interrelacionais. Assim, o mundo pulsional se vê diante de novos desafios e possibilidades evidenciando-se o quanto as vicissitudes de seus investimentos estão atreladas às condições de elaboração e metabolização das intensidades psíquicas.

Considerando-se não ser possível compreender o adolescente isolando-o do contexto no qual vive, torna-se fundamental situá-lo frente às demandas contemporâneas, retomando, assim, elementos importantes referentes ao processo de construção do si mesmo. Nesse processo, é essencial abordar a relevância das funções parentais, as quais se vêem, igualmente, sob o efeito de demandas próprias deste cenário atual.

Impactos da contemporaneidade na vivência adolescente

A compreensão do sujeito só é possível, segundo Hornstein (2008, p.17), considerando-o “imerso no histórico-social, entramando práticas, discursos, sexualidade, ideais, desejos, ideologias e proibições”. Logo, refletir sobre elementos referentes à adolescência significa reafirmar sua interrelação com os cenários social, biológico e psíquico. Dessa forma, se associam e se interpenetram os efeitos da dimensão social e da dimensão psíquica no encontro entre marcas de um tempo já vivido e perspectivas em relação a um tempo futuro.

O cenário atual pode bem ser definido a partir de conceitos, como sociedade do espetáculo, cultura do narcisismo e tempos líquidos- formulações de Debord (1997), Lasch (1983) e Bauman (2000), respectivamente, - sendo essas intrinsecamente relacionadas à ideia de centramento no Eu e do predomínio da superficialidade e da fluidez dos laços afetivos. A partir disso, Maia (2005) entende que as relações humanas tornam-se formas de obtenção de prazer imediato, e, quando há qualquer ameaça de sofrimento, o outro é, rapidamente, descartado. Dockhorn e Macedo (2008) argumentam que em uma sociedade organizada pelo consumo, a exigência é de estar sempre pronto para o aproveitamento absoluto dos “bens” e para o desenvolvimento de novos desejos frente a incessantes seduções que se apresentam como indispensáveis. O panorama cultural dos dias de hoje, segundo Costa (2005), é marcado pela busca de sensações agradáveis e prazerosas pelo sujeito, sendo que aquilo que demanda tempo para se realizar e/ou o que não traz gozo, é vivido como sensação indesejável.

Neste contexto social atual, surge uma nova denominação ao modo de ser adolescente: Geração Y ou Geração Internet. Esta denominação pretende caracterizar a geração nascida entre janeiro 1977 e dezembro de 1997, a qual experienciou mudanças significativas no mundo, como a ascensão do computador, o surgimento da Internet e de outras tecnologias digitais, sendo considerada por Tapscott (2009) como a primeira geração imersa

em bits. Seus pais são pertencentes à chamada geração Baby boom, nascidos entre janeiro de 1946 a dezembro de 1964, ou seja, após a Segunda Guerra Mundial, em um contexto no qual se esperava que os homens que estavam na guerra pudessem voltar para casa e constituir uma família. Nesta mesma época, a economia mundial ganhava impulso e se fortificava, deixando as famílias confiantes na decisão de ter filhos. As diferenças entre os Baby Boomers, denominados geração televisão, e seus filhos, a geração Internet (geração Y), segundo Tapscott (2009), passam pela priorização de liberdade, ou seja, a geração Y prioriza a liberdade de escolha e de expressão. Os jovens desta geração gostam de customizar, personalizar o mundo ao seu redor, desde a área de trabalho do computador, o toque do telefone celular, o apelido, as fontes de notícias, entre outros.

O autor destaca ainda que a Geração Internet é constituída de jovens que são marcados pela colaboração e pelo relacionamento, ou seja, mandam mensagens em sites de relacionamento, formam uma rede de influência online, jogam videogame com múltiplos jogadores de diversas partes do mundo. A Geração Y é composta de jovens inovadores, que buscam novas formas de colaboração, de diversão, de aprendizado e de trabalho. É uma geração que necessita da velocidade, frente a qual cada mensagem instantânea deve gerar uma resposta instantânea. Esse cenário produz, assim, consequências que tanto podem significar uma amplitude de possibilidades em especial pelo maior acesso à informação, ao conhecimento, a tecnologias, vindo a favorecer e promover novos processos de subjetivação, bem como podem, também, resultar em sujeitos que não toleram frustrações, tendem ao imediatismo, à busca incessante pelo prazer pleno e a vínculos virtuais frágeis e facilmente descartados.

Nesta linha de raciocínio, paradoxalmente, em tempos nos quais a felicidade passa a ser uma exigência constante feita ao sujeito, Kehl (2009) assinala a depressão como um sintoma social. A autora enfatiza a influência dessas especificidades do cenário atual na produção de subjetividades e de padecimentos, afirmando que a sociedade contemporânea se caracteriza pela temporalidade acelerada, pelo imperativo do gozo a qualquer custo, pela perda do valor da experiência e da tradição e, pela debilidade de referenciais identificatórios. Ao trazer à discussão a questão do tempo na constituição do aparelho psíquico, a autora refere que um dos efeitos decorrentes da velocidade que caracteriza os tempos atuais são o empobrecimento da imaginação e a presença de sentimentos de vazio.

Neste cenário de profundas transformações, cabe também uma reflexão sobre a estrutura familiar nas últimas décadas. De

acordo com Birman (2007), a partir de 1950, desencadeou-se, no mundo ocidental, um processo radical de alterações na família moderna, a qual perdeu algumas referências fundamentais. O surgimento do movimento feminista, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o declínio do poder patriarcal e o surgimento das famílias compostas são exemplos de acontecimentos que promoveram novas configurações familiares. Cabe destacar, conforme ressalta Kehl (2009), que mesmo frente às grandes mudanças nas forças que estruturam o campo social, é necessário considerar a importância da singularidade de um processo de constituição psíquica. Logo, não se pode fazer uma leitura apressada e linear na qual seja atribuída unicamente à cultura a força de produção de um sujeito psíquico. Trata-se de refletir sobre a qualidade de produção psíquica frente a demandas que deixam pouco espaço para a capacidade de experimentar e significar o ser em detrimento do ter.

Ao tomar como referência a imagem social contemporânea construída para o sujeito, Maia (2005) salienta o fato de os afetos humanos perderem o seu lugar no mundo. A angústia e a tristeza não podem ser sentidas no ideário pós-moderno e qualquer sinal destas torna-se uma ameaça a ser combatida por meio de dispositivos capazes de neutralizá-las, sejam antidepressivos ou outras drogas diversas. Todas essas características apontam para uma sociedade na qual a ausência de padecimentos ou de faltas parece ser uma realidade plausível na qual a completude ilusória acena como uma condição possível de ser alcançada. No intuito de problematizar essa questão, Edler (2008) ressalta ser justamente a falta que põe o sujeito em ação e em busca de algo, sendo a incompletude lamentada o que revitaliza o sujeito, colocando-o num movimento incessante. Logo, se o outro não pode ser pensado ou desejado desde uma dimensão que reconhece a própria incompletude, torna-se difícil o processo de construção do genuíno acesso à alteridade.

Quando a problemática da alteridade, pertinente à contemporaneidade, é abordada em relação à adolescência, outros desdobramentos precisam ser considerados. Abordando o seu entendimento de globalização negativa, Bauman (2007) considera que nela os indivíduos são abandonados à própria sorte, resultando no novo individualismo, no enfraquecimento dos vínculos humanos e no definhamento da solidariedade. Esse cenário traz, também, importantes consequências no movimento que permite ao adolescente fazer a alternância de desinvestimentos e investimentos, fator relevante na promoção de seus projetos. O não alcance das metas ou ideais contemporâneos pode rapidamente associar-se a ideias

de fracasso e incapacidade por parte do adolescente. Se a completude é garantia de felicidade, qual o lugar destinado à incompletude? Nessa dinâmica, o vazio e o tédio envolvem a vida do adolescente denunciando o risco dos frágeis e fraturados investimentos e alicerces emocionais resultantes desses tempos de frenética pressa e consumo.

Os desafios da contemporaneidade trazem, portanto, repercussões no processo de subjetivação adolescente. Muitas vezes, a desmesura do que o invade expõe a precariedade de suas possibilidades de enfrentamento. A sociedade contemporânea, do consumo e do gozo ilimitados, impõe ao adolescente um modo de se constituir subjetivamente que se relaciona com a escassez na oferta de recursos simbólicos e sublimatórios (Macedo & Refosco, 2010; Pinheiro 2001).

A passagem adolescente prevê, conforme salienta Cardoso (2001), importantes e traumáticas rupturas diante da exigência da construção de uma identidade e devendo manter as fronteiras egóicas, o jovem precisa ir ao encontro de um outro. A noção de identidade convoca temas cruciais da psicanálise, como o narcisismo, o investimento libidinal do ego, as identificações inconscientes e os conflitos identificatórios. Adentra-se, assim, no terreno da intersubjetividade, no qual o adolescente alicerça e constrói a história de suas identificações e dos recursos psíquicos que passará a dispor para lançar mão na travessia do mundo infantil para o mundo adulto.

Funções parentais e a problemática adolescente

A intersubjetividade tem um lugar central na constituição do psiquismo, possibilitando a singularidade de cada história humana. É no processo de historização que fica viabilizado o acesso do sujeito à temporalidade e ao seu projeto identificatório. Tal afirmativa é exemplificada pelo que Rother Hornstein (2006) refere sobre o encontro entre mãe e filho. Nesse encontro, segundo a autora, a mãe confronta a criança com um discurso e, assim, vai impregnando-a de sentidos que abarcam a forma como ela é pensada, falada e desejada pelos seus genitores, incluindo-a em suas histórias, também marcadas pela sua cultura. Isso remete a noção de um trabalho psíquico, necessário na adolescência, relativo à ressignificação da conflitiva edípica. As demandas pulsionais desta etapa reativam a experiência edípica como uma segunda chance de processar psiquicamente questões oriundas dessa vivência infantil, em especial as referentes à construção da identidade e às modalidades de investimentos do sujeito na relação com o outro.

Os arranjos familiares contemporâneos denunciam um

amesquinamento sofrido pela autoridade paterna, o qual acarretou no enfraquecimento da figura do pai (Roudinesco, 2000). Além disso, Silva (2010) também refere que as reivindicações por igualdade de poderes feitas pela mulher levam a profundas transformações na ordem familiar, incluindo as relações conjugais e parentais.

As funções parentais, na adolescência, estão marcadas pelo interdito edípico e, por isso, devem ser exercidas em outra modalidade. Entende-se que o excesso de presença ou de ausência dos pais, assim como a qualidade com que eles exercem suas funções tem importância vital para o adolescente. Fazendo uma alusão à vivência de satisfação, descrita por Freud (1895/1977) em Projeto para uma psicologia científica, afirma-se que a demanda adolescente exige uma ação específica por parte dos genitores. Trata-se de saber identificar a necessidade adolescente a fim de não confundir liberdade com abandono.

Nos tempos atuais, como conceitua Bauman (2003), vive-se em tempos líquidos que revelam a fragilidade dos vínculos humanos, marcados pela insegurança e ambivalência de sentimentos frente ao outro. Essa dinâmica acarreta em importantes efeitos na configuração familiar de hoje, ficando em xeque o que diz respeito a pontos fundamentais na criação dos filhos, já que para uma criança, dada a sua condição de fragilidade e dependência, é necessário contar com a disponibilidade e o investimento por parte do adulto. Sabe-se que a dependência de cuidados da infância adquire outras formas no decorrer da vida, fazendo com que do adulto também seja exigida a capacidade de “decifrar” as múltiplas demandas advindas da condição de desamparo da criança. Neste sentido, Cardodo e Savietto (2006,p.41) afirmam que “se as relações objetais primárias não forem capazes de oferecer ao sujeito uma solidificação narcísica, a continuidade do ser não estará assegurada no momento em que o remanejamento identificatório for exigido, isto é, no momento da adolescência. As falhas narcísicas que se desenvolvem a partir do início da subjetivação também vão ressurgir por ocasião da adolescência, quando está em jogo a tensão entre dependência e autonomia”.

Logo, as funções parentais se vêem à mercê de uma diversidade de solicitações cujo fundamento está nos recursos de investimento afetivo. Como bem assinala Rother Hornstein (2006, p.131), “a adolescência também põe à prova a capacidade de transformação dos pais”. Relacionando essa questão aos tempos líquidos, percebe-se que conceber um filho, ocupar uma função de outro narcisizante fundamental no processo de constituição psíquica da criança, bem como o envolvimento na sua educação e no processo de formação de sua identidade, demanda aos pais

um compromisso amplo e irrevogável, um compromisso que vai na contramão da modalidade contemporânea de vida líquida e de parcos investimentos no outro.

O reflexo desse contexto, marcado pelas características do cenário contemporâneo, pode ser visto, também, como destaca Birman (2006), nas exigências de alta performance impostas às crianças e aos adolescentes. Isso acarreta à prevalência da intensa rivalidade em detrimento da alteridade, tornando a solidão uma presença constante nas vidas desses jovens. Com isso, eles são confrontados com a quase ausência de limites, tendo essa frouxidão dos interditos um efeito crucial no seu processo de estruturação psíquica. A família nuclear tradicional, formada por pai, mãe e filhos, deixa de ser a maioria na sociedade contemporânea. O autor entende que a economia dos cuidados no âmbito familiar foi bastante afetada, marcando uma precariedade de investimentos nas crianças e nos adolescentes e, por isso, incidindo diretamente sobre as novas formas de subjetivação.

Freud (1913/1977; 1929/1977), em seus textos sobre a cultura, estabelece interessantes relações entre os efeitos decorrentes de características culturais e o processo da constituição do sujeito o que contribui para a compreensão dessas novas modalidades de ser dos tempos atuais. Atravessados pela cultura, os pais são os primeiros a apresentá-la para a criança em constituição. Assim, os efeitos desse encontro primordial terão, necessariamente, esse colorido próprio da cultura na qual estão inseridos. Por outro lado, a singularidade desse encontro dará uma forma única e peculiar ao destino do sujeito frente às demandas de sua vida.

Seguindo esse raciocínio, observa-se que se por um lado a civilização é a responsável por estabelecer “diques culturais” que permitem o sujeito viver em sociedade, já no âmbito individual, os pais são peças fundamentais em termos de estruturação psíquica para que os diques sejam constituídos, dando ao ego as primeiras condições necessárias para postergar a satisfação (Freud, 1929/1977). Em ambos os casos, estão presentes ferramentas de regulação que oferecem um “freio” aos impulsos, viabilizando o convívio entre os pares.

No texto *Totem e Tabu*, Freud (1913/1977) apresenta uma interessante metáfora para pensar o complexo de Édipo sob uma outra perspectiva. Ali, essa conflitiva é comparada a um sistema de governo no qual o ministro – mãe – deverá ser o mediador que facilita o acesso do súdito – bebê – ao governador – pai. Quando essa mediação fica impedida, também fica impedido ao súdito o acesso à identificação com esse governante, fundamental para o seu crescimento. Tomando esse modelo

para uma leitura da contemporaneidade pode-se pensar que em uma cultura na qual não se quer perder o lugar soberano, ao contrário de viabilizar o crescimento e futuro alcance de novos lugares próprios ao súdito, o governante tem uma necessidade regressiva de se manter no lugar de “Totem”, apresentando-se como inquestionável, completo e exercendo um apoderamento narcísico do outro. Igualmente o ministro – mãe – também pode se utilizar de seu papel de mediador para se manter em um lugar narcisicamente inflado deixando o súdito – bebê – engessado em termos de movimentação psíquica. Assim, podem se apresentar dificuldades não só no acesso ao governante – pai, como também, na forma pela qual esse governante marca seu lugar de poder, oferecendo-se ou não como um objeto de identificação ao súdito – bebê. A “outra face da mesma moeda” pode ser constatada em uma inversão de papéis e funções, tão característica da contemporaneidade, na qual é o bebê que ocupa o lugar totêmico, no sentido de ser quem detém o poder, cabendo aos pais fazer tudo para que essa ilusão de completude se perpetue. Nesse contexto, Mayer (2001) refere que, hoje, se percebe um número maior de pais que se preocupam mais em encher seus filhos com objetos de última geração do que em proporcionar-lhes um espaço na sua vida anímica, onde poderiam se desenvolver como seres diferenciados. Esses pais buscam, a qualquer preço, impedir o registro de falta no seu filho idealizado, dificultando a possibilidade de estruturação do desejo infantil, fundamental para o desenvolvimento humano, para o reconhecimento e para o amor ao semelhante. No delicado equilíbrio entre a oferta de objetos de consumo e o acesso ao reconhecimento da falta, muitos pais tratam de apagar a complexidade inerente a estes processos acreditando que a oferta de bens materiais possa ocupar importante espaço no processo de construção subjetiva dos filhos. Sobrepõem-se, desta forma, o que é da ordem da necessidade parental de manutenção de uma ilusória completude àquilo que próprio da condição de acesso ao campo do desejo via necessário reconhecimento da própria incompletude.

Ao encontro dessas proposições, Kehl (2009) salienta que atualmente muitos pais se sentem fragilizados com relação aos seus próprios ideais e, então, colocam nos filhos toda a expectativa e a aposta de serem eles próprios reconhecidos por meio do desempenho dos filhos. A fragilidade do pai imaginário contribui para o surgimento de crises depressivas nos adolescentes, bem como o agravamento do estado de desânimo frente à vida daqueles estruturalmente deprimidos. “As crianças ocupam um lugar ambíguo na cultura: como ideal do gozo (perdido) de seus pais, mas também, paradoxalmente,

como investimento no 'mercado de futuros'. Essa espécie de duplo vínculo em que a criança está inserida faz com que os pais procurem, ao mesmo tempo, satisfazê-la plenamente (como se isto fosse possível) para maximizar sua felicidade, e estimulá-la ao máximo a fim de desenvolver desde cedo as potencialidades que deverão garantir uma boa colocação na disputa acirrada do mercado de trabalho. Como essas práticas educativas e amorosas são recebidas do ponto de vista do bebê? Como excesso de demanda" (Kehl, 2009, p. 276).

Como efeitos dessas configurações familiares atuais, evidenciam-se padecimentos oriundos da falta de sustentação do lugar parental de autoridade e de responsabilidade na criação dos filhos. Constatam-se, da parte de muitos pais, a indisponibilidade de cuidar amorosamente de sua prole no sentido da presença de uma não abertura de espaços em suas vidas para os filhos. Por outro lado, observam-se filhos superinvestidos narcisicamente, representando a única esperança de recuperação narcísica dos pais (Kehl, 2001). Ambas posições mantêm os pais desautorizados no exercício de suas funções, na medida em que se submetem a fazer tudo que lhe é solicitado ou ignoram o que lhes é demandado. Assim, rompem-se barreiras de uma assimetria necessária ao genuíno cuidado com o outro. Essa dinâmica no campo intersubjetivo traz consequências significativas na fragilidade ou falência das funções parentais, bem como aporta efeitos relevantes no processo de construção subjetiva dos adolescentes. Na ausência da fala e/ou de um olhar em relação à singularidade das demandas do filho, muitas vezes acabam os pais "apresentando" um modelo do descuido e de substituição do desejado pelo que pode ser facilmente alcançado e obtido. Seja na ausência do exercício de uma função paterna amorosa que tem como sustentação o cuidado, seja na imposição de modelos narcisistas nos quais os filhos representam ideais de completude, o desamparo marca presença. Em ambas as situações, seja na indisponibilidade ou na desautorização dessas funções, a impossibilidade do reconhecimento das diferenças repercute na fragilidade e precariedade da condição dos jovens se posicionarem frente às exigências de suas vidas. Na medida em que se preserva a assimetria e a condição de cuidado entre pais e filhos, também se dá espaço à inscrição da falta e do desejo como possibilidade frente à incompletude. Nessa direção, Cardodo e Savietto (2006,p.40) asseveram que "a fraqueza do poder e da ordem simbólica com a conseqüente privação de possibilidades de mediação, assim como a precariedade, a instabilidade, a vulnerabilidade, a incerteza e a insegurança inerentes ao atual mundo ocidental, parecem contribuir para a intensificação e a manutenção da re-vivência do desamparo na

adolescência, assim contribuindo para o incremento do recurso às passagens ao ato".

Sendo assim, se evidencia a necessidade do jovem experimentar um modelo de relação com as figuras parentais que lhe ofereçam as condições necessárias para poder usufruir da sua condição adolescente. Sobre isso, Monteiro (2011) entende ser fundamental que o adolescente conte com um ponto de partida sólido, para garantir que essa referência se constitua como o balizador para o seu caminho de descobertas. A autora ressalta, porém, que a característica itinerante da adolescência pode ter uma direção a favor ou não da vida, já que a qualidade das vias tomadas como itinerário deve ser considerada. Itinerário este que em muito conta das experiências vividas pelos adolescentes nos primeiros momentos das suas vidas, pois é a partir delas que o jovem tem viabilizada a condição de aproveitar a jornada adolescente no melhor que ela possa significar.

Considerações Finais

Abordar o processo adolescente exige que se amplie o olhar a fim de contemplar temáticas referentes à experiência no cenário biológico, social e psíquico. Assim, à complexidade própria dessa idade da vida, somam-se aspectos essenciais da contemporaneidade que exercem inegável influência no processo de constituição do sujeito nos dias de hoje.

Na vigência de tempos nos quais o efêmero, a fragmentação, a frágil ou ausente demarcação de espaços impõem seus efeitos no processo de constituição psíquica e na produção de subjetividades, cabem questionamentos à relação existente entre adolescência e o exercício contemporâneo das funções parentais. Ao considerar que em um tempo primeiro pode-se receber um legado cuja função de fundante vai possibilitar um posterior questionamento, entende-se que, no caso da adolescência, o amparo e o cuidado recebido, via exercício das funções parentais, viabiliza que, em um segundo tempo, o jovem possa experimentar-se em novos investimentos e condições. Logo, a qualidade do encontro primeiro é fundante de recursos que serão exigidos do adolescente frente a intensidades de reedições e conflitivas com as quais se depara nesse tempo de transição ao mundo adulto. As relações que marcam o campo intersubjetivo encontram na adolescência um importante tempo de ressignificações. Nesta idade da vida, as condições de investimentos psíquicos, tanto no campo endogâmico quanto nos espaços da exogamia, contam de uma história passada e assinalam as condições ou precariedades dos investimentos no devir. Ao abordar as condições da cultura contemporânea e seus

efeitos na construção da subjetividade é inegável a constatação do papel relevante destinado ao percurso identificatório. A necessidade humana de inscrever e elaborar as experiências decorrentes do registro da falta como condição de acesso à alteridade fica plenamente exemplificada nas conflitivas que marcam a adolescência. Mais do que associar a adolescência a um tempo de fragilidade psíquica, trata-se de pôr em evidência as condições de abertura que marcam as proposições da Psicanálise a respeito da singularidade desta etapa da vida.

As relações experienciadas com as figuras parentais formam parte fundamental do processo de subjetivação. Logo, a qualidade psíquica do ofertado por estes tem muito a ver com os sentidos que vão dando contorno ao si mesmo do adolescente. Nesta travessia para a adultez, passa a ser da ordem do desamparo e da dor psíquica a experiência de se confrontar com a ausência de um olhar que assegure as diferenças geracionais e as condições de vivenciar investimentos de amor e respeito às diferenças.

Frente a significativas demandas contemporâneas de autocentramento e performance, torna-se importante um exercício de constante reflexão sobre a necessidade do sujeito de experimentar este lugar de ser objeto amoroso de outro, como um ponto essencial à produção de sua condição humana. A maior liberdade que a adolescência pode possibilitar é no sentido de que o jovem construa, no tempo presente, uma reserva de capital pulsional que lhe permita investir em um tempo futuro, a partir de um existir ético e autônomo.

Referências

- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2003). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (pp.25-43). São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2006). *Arquivos de mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 47-62.
- Bleichmar, S. (2005). *Subjetividade em riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial.
- Cardoso, M. R. (2001). Adolescência e violência: uma questão de "fronteiras"? In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp.41-53). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dockhorn, C., & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento Psicologia*, 54(26), 217-224.
- Edler, S. V. P. B. (2008). *Luto e melancolia: à sombra do espetáculo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1895/1977). Projeto para uma psicologia científica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 381-409). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913/1977). Totem e tabu. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 381-409). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1929/1977). Mal estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões: afetos e humores do viver*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.
- Kehl, M. R. (2001). Lugares do feminino e do masculino na família. In M. C. M. Caparato (Org.), *A Criança na contemporaneidade e a psicanálise* (pp. 29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Maia, M. (2005). *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade da clínica psicanalítica* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Garamond.
- Mayer, H. (2001). Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 81-101). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Monteiro, R. A. (2011). *O desamparo e intensidades em ato na adolescência: riscos ao devir*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pinheiro, M. T. S. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 69-79). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Refosco, L. L., & Macedo, M. M. K. (2010). Anorexia e bulimia na adolescência: expressão do mal-estar na contemporaneidade. *Revista Barbarói*, 33, 65-81.
- Rother Hornstein, M. C. (2006). Entre desencantos, apremios e ilusões: barajar y dar de nuevo. In M. C. Rother Hornstein (Org.), *Adolescências: trayectorias turbulentas* (pp. 117-135). Buenos Aires: Paidós.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Savietto, B. B., & Cardoso, M. R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 1, 15-43.
- Silva, F. C. F. (2010). *O masculino e o padecimento psíquico: uma leitura a partir da escuta na clínica psicanalítica contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Tapscott, D. (2009). *A hora da geração digital*. São Paulo: Agir.

Recebido em agosto/2011
Reformulado em setembro/2011
Aceito em outubro/2011